



MULHERES E RELIGIÃO EM CONFLITO: ESTUDO DAS CONDIÇÕES DA MULHER TRABALHADORA, SEUS CONFLITOS E SUA RELIGIOSIDADE.

Magali Scopel de Araujo ¹; Calvino Camargo ²; Luciane dos Santos Iriyoda ³

RESUMO: Atualmente a mulher passa a representar, cada vez mais, uma importante fonte de sustento econômico da família. Entretanto, não existe uma divisão igualitária dos deveres domésticos, o que inclui o cuidado com os filhos. A igreja é uma das principais mantenedoras desses valores. Sendo assim, este trabalho buscou levantar dados relativos às relações de poder no contexto familiar e os conflitos relacionados aos papéis de mulher religiosa em relação ao trabalho, família, cuidados com os filhos e responsabilidades domésticas, visando a cooperação para um redirecionamento do discurso religioso atual. A pesquisa foi realizada com 10 mulheres, pertencentes a diferentes igrejas evangélicas há mais de 02 anos, residentes na cidade de Maringá, Estado do Paraná, profissionais ativas em diversas áreas, com pelo menos 01 filho. A coleta de dados foi efetuada através de entrevista semi-estruturada, utilizando-se gravador de voz. Numa análise qualitativa, os resultados mostram que de um universo de dez mulheres, seis dessas gostariam de ser donas de casa. Duas situações de conflito se apresentaram, em que a primeira refere-se a necessidade financeira, que leva a mulher para o trabalho, sendo que a sua convicção religiosa lhe diz que o seu papel deve ser desempenhado na esfera doméstica. Já a segunda surge nas mulheres que não abrem mão da realização pessoal com o trabalho, mas sofrem com as exigências da família. Uma terceira situação foi observada onde não há conflito, neste caso, para apenas 01 mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Religiosidade; Trabalho; Questões de gênero.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, além do tempo dispensado ao trabalho doméstico e ao trabalho remunerado, a mulher se vê obrigada a cumprir um outro turno nas escolas e universidades, buscando qualificações profissionais, para conseguir superar a competição no mercado de trabalho. Entretanto, constatam-se, através de pesquisas, que não existe uma divisão igualitária dos deveres domésticos, incluindo os cuidados com os filhos. (BIASOLI-ALVES, 2000; FLECK, WAGNER, 2003; KUBLIKOWSKI, MACEDO, 2001). Em virtude disso, mães que não têm tempo para acompanhar seus filhos no cumprimento de seus deveres, estão apresentando irritação e impaciência, pois querem que eles cumpram com suas tarefas sem incomodá-las (BIASOLI-ALVES, 2000). Quando eles adoecem, essa situação contribui para aumentar o sentimento de culpa pela sua ausência (BIASOLI-ALVES, 2000; FLECK, WAGNER 2003).

O avanço tecnológico também contribui para a criação de novas necessidades. Para satisfazer o ideal consumista, é absolutamente necessário que a mulher coopere

¹ Acadêmica do Curso de Teologia, do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do PROBIC – CESUMAR. magaliscopel@hotmail.com

² Orientador do CESUMAR. Departamento de Psicologia e Teologia do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. calvino@cesumar.br

³ Docente do CESUMAR. Departamento de Letras do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR. luciane@cesumar.br

financeiramente com a família (LIPOVETSKY, 2000). Mesmo com essa cooperação, para muitas famílias, a renda mensal ainda é insuficiente. Sendo assim, a dificuldade financeira têm sido apresentada como causa de estresse e conflito conjugal. Nas casas de menor poder aquisitivo, geralmente, existe um baixo nível de coesão entre casais, atribuído, também, ao fato da mãe passar muito tempo fora de casa e, quando está presente, volta mais sua atenção aos filhos do que ao esposo (FLECK, WAGNER, 2003).

Em alguns seguimentos profissionais, as condições dadas a mulher têm contribuído para o agravamento dos conflitos que ela tem vivido. Pesquisa realizada com analistas de sistemas constatou que os homens predominam nos cargos de chefia, e na análise de saúde dos trabalhadores, as mulheres sofrem maiores incômodos causados pela postura desconfortável, maior exposição ao computador, maior frequência de sintomas visuais, musculares e relacionados a estresse, maior insatisfação com o trabalho, maior fadiga física e mental (ROCHA, DEBERT-RIBEIRO, 2001). Os resultados mostram que as mulheres têm ocupado os cargos menos significativos e os homens ocupam os principais. Essas, mesmo protegidas por acordos registrados e por negociações não sindicais, recebem reajustes menores do que os homens. Observam-se casais que trabalham em parcerias, onde os homens admitem o trabalho das esposas, entretanto, elas não têm acesso aos lucros (VIEIRA, 2005). No México, por exemplo, as mulheres têm mais dificuldade de conseguir trabalho, principalmente as casadas com filhos pequenos (CRUZ, NORIEGA, GARDUNO, 2003). Com relação aos meios de comunicação, esses trabalham a imagem da mulher ideal como a mulher do lar. Isso contribui para aumentar a sensação de culpa que a mulher tem pelo fato de ter que se ausentar dos filhos e esposo. (POSSATTI, DIAS, 2002).

A igreja é uma das principais mantenedoras desses valores, além de, em seus discursos, enfatizar acerca das restrições e temores, ligados ao pecado da desobediência (BIASOLI-ALVES, 2000). Diante desta realidade, levanta-se como hipótese que, na sociedade atual, inclusive religiosa, prevalece o discurso masculino, que contribui para a dominação do homem sobre a mulher, intensificando situações de sofrimento psico-social e por isso pode transformar-se em empecilho para o desenvolvimento e emancipação da mulher.

O objetivo deste trabalho é estudar as relações de poder no contexto familiar influenciado por valores e ideais religiosos evangélicos e os conflitos relacionados aos papéis de mulher em relação ao trabalho, família, cuidados com os filhos e responsabilidades domésticas. Desta forma, cooperando para um redirecionamento do discurso religioso e possíveis contribuições para uma reflexão sobre as práticas pastorais na atualidade, bem como a avaliação da necessidade de desenvolvimento de programas específicos de atenção pastoral às mulheres, abordando os seus conflitos sociais e religiosos no cotidiano do trabalho e da família.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que investiga valores, crenças, atitudes, opiniões, relação de poder no contexto familiar e os conflitos relacionados aos papéis da mulher religiosa em relação ao trabalho, família, cuidados com os filhos e responsabilidades domésticas. Também discute fenômenos e processos subjetivos específicos de um grupo composto de 10 (dez) mulheres, pertencentes a diferentes igrejas evangélicas há mais de 02 (dois) anos; residentes na cidade de Maringá, Estado do Paraná; profissionais ativas em diversas áreas; com pelo menos 01 (um) filho. Suas idades variam de 38 a 46 anos, sendo que 01 (uma) possui o ensino fundamental incompleto, 03 (três) o nível médio, 01 (uma) curso superior incompleto, (04) quatro Lato sensu e 01 (uma) Stricto sensu. A coleta de dados foi efetuada individualmente em suas residências e locais de trabalho, através de entrevista semi-estruturada, utilizando-se gravador de voz, com o objetivo de colher dados relativos às relações de poder no contexto familiar e os conflitos relacionados aos papéis de mulher religiosa em relação ao trabalho, família, cuidados com os

filhos e responsabilidades domésticas. O levantamento de dados foi executado mediante parecer favorável do Comitê Permanente de Ética em Pesquisa do CESUMAR (COPEC), sob o número 308/2006.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise qualitativa dos dados, permitiu a categorização dos sujeitos em 03 (três) grupos distintos:

GRUPO A – SUBMISSÃO INCONDICIONAL. Mulheres que acreditam na submissão incondicional ao esposo. Neste grupo encontram-se 03 (três) mulheres, que afirmam que o homem deve ser o “o sacerdote do lar” e a mulher “a ajudadora”, declaram que o esposo tem que ser aquele que ensina, sendo o exemplo dentro de casa, o sacerdote do lar em tudo. Seu comportamento, em termos de trabalho, surge na opção em trabalhar exclusivamente nas atividades do lar, enfatizando que seu papel é daquela que faz o pão e a ceara. Em relação ao discurso religioso, para este grupo, o homem deve ser “o cabeça” da mulher porque, segundo elas, o homem é mais capaz psicologicamente. Como essas mulheres estão trabalhando por necessidade econômica, possivelmente o conflito esteja no fato de que trabalhar fora de casa está em desacordo com suas convicções religiosas e com o seu papel de esposa e mãe. As mulheres desse grupo concordam com o discurso religioso de suas igrejas.

GRUPO B – SUBMISSÃO CONDICIONAL. Mulheres que acreditam na submissão condicional ao esposo. Neste grupo encontram-se 3 (três) mulheres, que acreditam que o homem deve ser “o líder espiritual” e a mulher “a ajudadora”. Em termos de trabalho, duas optam por ficar em casa e uma por trabalhar fora, esta última, desde que seja por realização pessoal. Com relação ao discurso religioso, seu entendimento é de que a mulher seja submissa ao esposo, desde que amada e respeitada. O poder do homem parece predominar em termos religiosos (líder espiritual), contudo, no que se refere ao cotidiano familiar e conjugal, a mulher tem o direito de ser amada e respeitada. Quanto às questões relacionadas à escolha profissional da mulher, ela deve ter autonomia para decidir. Os conflitos surgem em duas, possivelmente pelas cobranças da família sobre os afazeres domésticos e uma do filho em relação a sua ausência. Duas mulheres desse grupo concordam com o discurso religioso de suas igrejas e outra não.

GRUPO C – NÃO A SUBMISSÃO E SIM A IGUALDADE. Mulheres que acreditam que homens e mulheres são iguais e por isso não deve haver submissão. Neste grupo encontram-se 04 (quatro) mulheres. Para elas homem e mulher dividem papéis com igualdade de direitos e responsabilidades. Com relação ao trabalho fora de casa, no geral, a mulher não abre mão, com exceção de uma, que ficaria em casa exclusivamente para resgatar o relacionamento com o filho. No que se refere ao discurso religioso, entendem que a mulher é tão capaz quanto o homem, desta forma, não há porquê existir submissão. O conflito parece estar nas cobranças de esposo e filhos com relação ao tempo dispensado a eles, com exceção de uma que não apresenta conflito. Nesse grupo apenas uma mulher não concorda com o discurso religioso de sua igreja.

Dentro de um universo de 10 (dez) mulheres religiosas e trabalhadoras pesquisadas, 06 (seis) delas gostariam de ser donas de casa, isto é, ficar em casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Dessas 06 (seis), 04 (quatro) trabalham exclusivamente por necessidade de sobrevivência, pois acreditam que a família não pode ser sustentada sem sua contribuição, 01 acredita que a família poderia ser sustentada precariamente e 01 acha que essa pode ser sustentada sem sua ajuda porque os filhos começaram a trabalhar, o que ocorreu recentemente.

Numa análise dos sujeitos, surgem dois tipos de situações de conflito: o primeiro seria o conflito pessoal, que está relacionado à necessidade financeira da família, a qual leva a mulher para o trabalho, sendo que a sua convicção religiosa lhe diz que o seu papel deve ser desempenhado dentro da esfera doméstica. O segundo conflito surge nas mulheres que não abrem mão da realização pessoal com o trabalho, mas sofrem com as exigências da família em relação aos afazeres domésticos e a ausência do lar. Uma terceira situação foi observada onde

não há conflito, neste caso, para apenas uma mulher, as realizações familiar e religiosa não são opostas à realização profissional.

4 CONCLUSÃO

Chegamos a conclusão que dentro de um universo restrito de dez mulheres, seis gostariam de ser donas de casa, sendo que dentre essas , quatro delas trabalham exclusivamente por necessidade financeira, o que demonstra uma situação de conflito intenso. Constata-se também que oito mulheres concordam com o discurso religioso de suas igrejas. Isso demonstra que a Igreja é uma instituição que exerce grande influência sobre a mulher, no que se refere à visão que ela tem de si mesma em relação ao seu papel familiar. Para a maioria das mulheres entrevistadas o papel da maternidade se sobrepõe ao papel profissional. Sugerimos, então, que nossa pesquisa possa suscitar outras a respeito do tema em questão. Uma sugestão para esta continuidade seria um estudo com mulheres religiosas que não trabalham fora, isso contribuiria para uma melhor compreensão do contexto em que vivem.

REFERÊNCIAS:

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psic.: Teor. e Pesq.*, set./dez. 2000, vol.16, no.3, p.233-239.

CRUZ, Adriana Cecilia, NORIEGA, Mariano e GARDUNO, María de los Ángeles. Wage labor, housewifery, and health: qualitative and quantitative differences between men and women. *Cad. Saúde Pública*, jul./ago. 2003, vol.19, no.4, p.1129-1138.

FLECK, Ana Cláudia e WAGNER, Adriana. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicol. estud.*, 2003, vol.8, no.spe, p.31-38.

KUBLIKOWSKI, Ida e MACEDO, Rosa Maria S. de. Trabalho, família e a mulher na meia idade: velhos dilemas em novos contextos. *Psicol. rev.*; nov.2001, 12 (2): pg. 99-107.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino*. Tradução: Maria Lucia Machado. S. Paulo: Companhia das Letras, 2000

POSSATTI, Izabel Cristina e DIAS, Mardônio Rique. Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. *Psicol. Reflex. Crit.*, 2002, vol.15, no.2, p.293-301.

ROCHA, Lys Esther e DEBERT-RIBEIRO, Myriam. Trabalho, saúde e gênero: estudo comparativo sobre analistas de sistemas. *Rev. Saúde Pública*, dez. 2001, vol.35, no.6, p.539-547.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. *DELTA*, 2005, vol.21, no.spe, p.207-238.